

RAMADA CURTO

Fogo de Vista

Fantasia

num prólogo e dois actos



PORTUGÁLIA - LISBOA

RAMADA CURTO

Fogo de Vista

Fantasia

num prólogo e dois actos

1111111111 2209



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

PERSONAGENS

(Por ordem de entrada em cena)

MARIA, trinta e dois anos — Maria Lalande.

JOANA, cinquenta, cinquenta e cinco anos — Josefina Silva.

ALFREDÔ, vinte e dois, vinte e sete anos — Augusto de Figueiredo.

LEONOR, dezoito anos — Isabel de Castro.

ANJOS, cinquenta anos — Luís de Campos.

VISCONDE, sessenta anos — António Sacramento.

NEGRÃO, sessenta anos — Samwell Dinis.

ARTUR, vinte e três, vinte e oito anos — Canto e Castro.

TONINHO, três anos, depois oito.

UMA CRIADA — Constança Navarro.

MADAME SERTORIUS, trinta e oito anos — Alma Flora.

LISBOA — ACTUALIDADE

Representada no Teatro da Trindade

Dezembro de 1956

PRÓLOGO

Uma sala de estar em casa de gente de uma mediania a roçar pela pobreza. É numa loja. Ao F. e a meio um portal que deita para a rua. No segundo plano à D. outra porta larga que deita para a escada do prédio moderno, que tem elevador. À E. nos dois planos outras portas que dão para o interior da casa. Mobília modesta de sala de jantar com mesa ao centro e aparador onde mais convenha.

CENA I

MARIA, depois JOANA

MARIA

(Junto da porta, espera. Sente-se o ruído do elevador em andamento) O que foi, mãe?

JOANA

(Entrando) Foi o sr. Anjos do quarto andar que se esqueceu mais uma vez de fechar a porta do elevador. Por isso ele não trabalhava...

MARIA

Porque me não disse? Tinha eu lá ido. São cento e dois degraus e a mãe custa-lhe a subir.

JOANA

A porteira sou eu, filha... Tu tens que acabar o vestido da D. Elisa para amanhã.

MARIA

Está pronto...

JOANA

Já?

MARIA

Era só uma emenda no casaco... É uma falta de caridade dos inquilinos. E o sr. Anjos não tem cuidado nenhum e já não têm conta as vezes que ele a obriga a subir a escada até lá acima.

JOANA

O sr. Anjos não o faz por mal... Está habituado a subir serras. Não vê que ele é da Guarda. É serrano.

MARIA

Quando isso succeder quem lá vai sou eu.

JOANA

Tu tens com que te entreter... (*Aponta a máquina de costura a um canto*) e não é pouco... Pra levar a vidinha a direito precisamos trabalhar todos... Eu cá estou no meu officio de porteira... O pior era ter de esfregar a escada.

MARIA

Era o que faltava!

JOANA

O dinheiro que se dá ao Cipriano todas as semanas para fazer o serviço chegava para

outras coisas precisas. Para tu trabalhares menos, por exemplo.

MARIA

Eu sou mais nova. Posso bem. A mãe é que não estava habituada. No tempo do paizinho tínhamos criada.

JOANA

Pois tínhamos. Mas pagávamos renda de casa. E aqui vivemos todos sem pagar nada. Tu já pensaste que se tivéssemos de a pagar quanto nos custava este palácio?... Olha que são três divisões fora a cozinha e o pátio da escada de serviço. E os inquilinos são tudo gente boa que nos trata bem. Foi o teu padrinho que nos arranjou este milagre. Deus lho pague.

MARIA

Afinal a quem pertence este prédio? Como se chama o dono?

JOANA

É uma dona. E uma companhia de seguros... Este prédio só ele é uma riqueza. Oito inquilinos!

MARIA

Nove... Contando com o sr. Negrão, o da cave.

JOANA

Só esse, sem janela para a rua, só ele, paga oitocentos escudos. E esse ao menos não faz parar o elevador...

MARIA

Já reparou numa coisa, mãe?

JOANA

Em quê?

MARIA

O sr. Negrão, o da cave, e o sr. Anjos do quarto, parece que não vão muito à bola um com o outro?

JOANA

Porque dizes isso?

MARIA

Outro dia vi-os cruzarem-se mesmo na entrada do prédio. O sr. Negrão descia para a cave. O sr. Anjos ia a meter-se no elevador e quando o viu ficou-se à porta e disse-lhe: «desça como lhe compete». E o sr. Negrão respondeu-lhe a rir: «não se utilize do elevador; suba pelos seus meios próprios». O que quererá isto dizer: os seus meios próprios?

JOANA

Estou que será a pé. O sr. Negrão, Deus me perdoe que nós devemos-lhe favores, mas não é nada simpático. É feio, com um bocado de força...

MARIA

E. Mas é muito amável .. Deu-me figurinos. Está sempre a emprestar livros ao Alfredo... Quer arranjar um emprego num banco, muito bem pago, à Leonor. Os figurinos! Que lindos! Há mulheres muito bem vestidas e muito felizes no mundo! O Alfredo não quer que eu leia os livros que ele lhe empresta. Diz que são histórias que não nos saem da cabeça...

CENA II

Os mesmos e ALFREDO

JOANA

(*A Alfredo, que vem da rua*) És tu, filho...
E a gratificação vem ou não?

ALFREDO

Por enquanto ainda não há nada... Esperemos. O ano passado no fim do ano deram um mês... Este ano está tudo à espera... Se fossem dois meses é que calhava, não era, mãe?

MARIA

Não sejas ambicioso.

ALFREDO

Eu não sou... Mas comprava um fatito, que este já tem três invernos... (*Entregando a Joana um sobrescrito*) Aqui está o ordenado, mãe... Hás-de desculpar, mas este mês excedi-me. Fiquei com cem escudos.

MARIA

Cem! Não achas de mais, Alfredo?

ALFREDO

Não é... É prò tabaquito...

MARIA

O tabaco é um vício.

ALFREDO

Uma vez por outra um café...

MARIA

Há café em casa.

ALFREDO

(*Um tempo*) Tens razão... Fico só com oitenta. Pegue lá vinte escudos, mãe.

JOANA

Não, não... Guarda...

ALFREDO

(*Insistindo*) Pegue...

JOANA

Não quero! Fica com eles! Tu és um bom filho.

MARIA

E eu? Uma má irmã?

ALFREDO

Tu! Querida Maria, que te esalfas a trabalhar mais do que podes... Por nós todos...

MARIA

(*Ao ouvido dele*) Eu disse isto a brincar... Tu és rapaz e é natural. Quando me pagarem o vestido da senhora do segundo andar eu já contava com cinquenta escudos pra ti...

ALFREDO

Não, não! Dá-os antes à Leonor, que precisa dumas meias. (*Alto*) A Leonor? Ainda não veio?

JOANA

Deve estar a chegar.

ALFREDO

Já cá devia estar... De hoje em diante quem passa pelo escritório onde ela está empregada para a ir buscar, sou eu.

JOANA

Porque dizes isso?

ALFREDO

Cá tenho as minhas razões.

JOANA

E farás favor de as dizer... Eu quero saber...
A Leonor é uma rapariga de juízo.

ALFREDO

Pois é... Mas é muito bonita. E anda pra
aí um idiota que tem automóvel, a maçá-la...
Fosse ela feia!...

MARIA

Como eu!... Deves ter razão, Alfredo.

ALFREDO

Tu não és feia... Longe disso!... Mas a
Leonor é, como dizer? é mais vistosa, mais
nova, mais criança...

JOANA

Mas conta lá isso do automóvel?

ALFREDO

Anda por aqui a rondar a porta... Nem a
mãe nem tu deram por isso... É um carro
verde, um espada... Esperem aí... O sujeito
é capaz de estar... (*Corre à janela e olha para
fora*) Meu dito, meu feito! Lá está ele... É já
a segunda vez que o apanho a fazer-lhe espera...
Eu parto a cara àquele tipo. Para mais é um
velho pregadinho e ridículo.

MARIA

Ali vem a Leonor... Mas vem acompanhada por um homem!

ALFREDO

Um homem!

JOANA

Ah! É o sr. Anjos do quarto andar... É uma pessoa de respeito...

ALFREDO

Apanhei um susto...

JOANA

Porquê?

ALFREDO

Com o sr. Anjos está bem. É um homem muito fino, muito sério...

MARIA

E também já não deve ser nada novo.

JOANA

Nem velho... Queres crer que eu não sei se ele é novo ou não?

ALFREDO

Olhe, mãe, olhe!... Quem está a conversar com o tipo do automóvel é o sr. Negrão, não é?

MARIA

Pois é. É o sr. Negrão, o da cave! Talvez estejas enganado, Alfredo... Tens visto aqui o carro porque esse sujeito é amigo do sr. Negrão e vem procurá-lo.

ALFREDO

É possível... Mas assim já é outro cantar...

CENA III

Os mesmos, LEONOR e ANJOS

LEONOR

(*Entrando*) Boas tardes a todos...

JOANA

Já estávamos inquietos.

MARIA

Demoras-te mais do que o costume.

JOANA

Sr. Anjos, queira entrar...

ANJOS

(*Entrando*) Se me dão licença...

ALFREDO

Obrigado por ter vindo acompanhar minha irmã.

ANJOS

Eu é que tenho que agradecer à menina Leonor ela ter-me pedido para a acompanhar e ter-me levado onde me levou...

LEONOR

Foi verdade, mãe... Quando soube fiquei toda aflita e não tive coragem de ir sòzinha. Encontrei aqui o sr. Anjos e pedi-lhe... É um horror, mãe!